

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

DUPAQUIER (J.), LACHIVER (M.) e MEUVRET (J.) — *Mercuriales du Pays de France et du Vexin français*. Paris, S.E.V.P. E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. 1968. Centre de Recherches Historiques. VIe Section". Coleção "Monnaie, Prix, Conjoncture". 241 págs. 44 F.

O livro *Mercuriales du Pays de France et du Vexin français* apresenta uma longa série de preços de cereais (trigo, centeio, cevada, aveia) de 1640 a 1790, em sete mercados da Ile de France situados ao norte de Paris — Pontois, Meulan, Gonesse, Beaumont/Oise, Magny, Chaumont-en-Vexin e Marines: é toda a história econômica de uma região que se reflete nessas estatísticas.

A obra contém uma substancial introdução referente ao estudo de fontes, metrologia, métodos de publicação. Numa primeira parte figuram os preços dos grãos nas quatro festas tradicionais (Páscoa, São João, São Martinho e Natal) em cada uma das sete localidades. Uma segunda parte dá os preços semana por semana durante os períodos de crises e mesmo nos de nível elevado dos preços. A terceira parte traça o quadro das quantidades vendidas no mercado de Pontoise por trimestre e por colheita de 1752 a 1761.

O interesse dessas listas de preços de cereais aumenta quando se leva em conta que nelas são precisamente estudados os mercados em que estourou em 27 de abril de 1775 a "Guerra da Farinha", decisiva para a história do liberalismo econômico na França.

E. S. P.

* *
*

TOYNBEE (Arnold J.). — *O desafio do nosso tempo* (Change and Habit — The Challenge of our time). Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro. Zahar Editôres. 1968. 232 páginas.

O progresso cada vez mais rápido da tecnologia determina um aceleração do ritmo de mudança da vida humana. A única maneira de conter a revolução social seria o homem sustar deliberadamente a revolução tecnológica, o que é bastante improvável que venha a ocorrer. Assim, os efeitos sociais e espirituais das conseqüências do progresso tecnológico prosseguirão até um ponto cuja saturação não podemos prever, mas é injustificável admitir que prossigam *ad infinitum*. Já se verificaram no passado outros surtos de progresso tecnológico e, em cada ocasião, eles terminaram em períodos subsequentes de comparativa estagnação: a revolução neolítica foi um desses surtos temporários; a invenção da metalúrgica, da escrita, do controle hidráulico em grande escala foram outros. Algumas das previsões alinhadas neste livro pelo famoso historiador de Oxford poderão ser consideradas otimistas, mas não utópicas. Para sobreviver ao desafio de nosso tempo, afirma, é necessário que o homem tenha a capacidade de romper hábitos

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (Nota da Redação).

milenares, profundamente arraigados. Felizmente, acrescenta, hábitos não são instintos e, colocado diante da inescapável escolha, o homem preferirá a mudança, mesmo dolorosa, ao suicídio em massa.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

ROBERTS (Thomas D.-S. J.). — *Contraceção e santidade*, São Paulo. 1968. Editôra Herder.

As opiniões e atitudes do antigo arcebispo de Bombaim costumam impressionar.

Sua espontânea renúncia à sede arquiiepiscopal de Bombaim, na qual durante séculos revezavam-se prelados de origem portuguesa e britânica, foi feita com intuito de forçar o Vaticano a nomear um arcebispo indiano como cabeça da hierarquia local, ainda antes que a Índia se tornasse uma nação livre e soberana. A Igreja Católica deve a Monsenhor Roberts, não ser considerada na Índia como uma simples instituição estrangeira.

Da mesma maneira não passou sem repercussão seu primeiro livro "Os Papas Negros" (*The Black Popes*). Publicado pouco antes da morte de Pio XII, provocou aplausos de um lado, mas fortes ressentimentos de outro, especialmente da Cúria Romana. Sua obra, baseada em comparações históricas de bons e maus governos eclesiásticos, foi interpretada como uma crítica velada às fraquezas dos últimos anos do govêrno de Pio XII. O livro, sem dúvida, era um prenúncio da crise do govêrno dentro da Igreja, e, ao mesmo tempo, um apêlo à reforma, no sentido de uma maior descentralização. A maioria dos prelados, que alguns anos mais tarde participaram do Concílio Vaticano II, conhecia a problemática abordada por êste livro.

"Contraceção e Santidade" (*Contraception and Holiness*. New York, 1964 — Herder & Herder) foi publicado durante o Concílio, em meio a debates sôbre o contrôle da natalidade. Seu objetivo era proporcionar, em primeiro lugar, aos membros do Concílio elementos essenciais para um estudo objetivo, sincero e frutuoso sôbre o controvertido assunto e, em segundo lugar, fazer participar da problemática o grande público, sem distinção de credo, pois estava em discussão um assunto ecumênico, segundo a acepção mais vasta dêste têrmo. A introdução ao livro é explícita sôbre êste sentido.

O livro é uma coletânea de artigos escritos por vários autores de renome, especialistas em suas respectivas matérias. Homens e mulheres, leigos e eclesiásticos colaboraram na obra que trata de aspectos biológicos, sociológicos, demográficos, antropológicos, psicológicos, filosóficos e morais do contrôle da natalidade. Uma simples enumeração de títulos, sem resumos adicionais, indica suficientemente o conteúdo do livro: Consciência e Contraceção — Procriação e Pessoa — O Contrôle da Natalidade e os Ideais de Sexualidade Conjugal — Os Ensinamentos da Biologia — Os Ensinamentos da Zoologia — Paternidade Responsável e o Dilema da População — A Contraceção e a Filosofia do Processo — A Descoberta da Lei Natural — A *Casti Connubii* e o Desenvolvimento do Dogma — Poderá a Igreja mudar sua Posição frente ao Problema do Contrôle da Natalidade?

O estilo varia de autor a autor. Assim, à calma e progressiva exposição de Leslie Dewart sôbre a *Casti Connubii* contrapõe-se o breve artigo de Rosemary

Ruether que, com pinceladas brilhantes, extroverte explosiva e simpaticamente toda sua psicologia feminina.

A unidade da obra é dada por Monsenhor Roberts, de cuja introdução transpiram admirável amplitude de visão, simpática benevolência para com o homem e seus problemas e experiência incomum, adquirida através de seus contactos plurinacionais e plurirreligiosos.

A tradução em português, de Sônia Schwartz, vem a nossas mãos com atraso de vários anos. Contudo, o atraso é meramente temporal, pois a encíclica papal *Humanae Vitae* parece não haver pôsto ponto final à polêmica e, ao contrário, tornou o assunto ainda mais atual.

NIKO ZUZEK

* *
*

RIZZINI (Carlos). — *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1968. 204 páginas, ilustrado.

O autor, sobejamente conhecido dos estudiosos da história brasileira pelo seu esplêndido livro sobre Hipólito da Costa, preenche com o presente volume sensível lacuna na bibliografia brasileira. Tal como diz o seu título, seu livro é um estudo das formas de comunicação da notícia, da idéia e da crítica, sem o uso da letra de forma. Partindo de épocas remotas, não para, todavia, no invento de Guttemberg. Ultrapassa-o, pois a sua fase mais intensa e produtiva — a da gazeta manuscrita — estende-se aos últimos dias do século XVIII, quando os frutos da tipografia haviam já alcançado maturidade e perfeição. “A transmissão oral, o periódico imóvel, a carta particular, na Antigüidade, o jorgalismo e o trovadorismo palaciano e ambulante, e as crônicas, da Idade Média; de novo a carta particular, a carta destinada ao público e carta-de-notícias, o novelismo-de-boca, de café e de rua, a sátira verbal, a escrita, em prosa ou em verso, o pasquim, e, por fim, a gazeta-de-mão, no Renascimento e nos albores da Idade Moderna — constituem os processos históricos do jornalismo antes da tipografia” (do prefácio). São êsses os meios de comunicação estudados pelo autor neste livro: as atas romanas; jorgais e trovadores; os cronistas; novidadeiros de rua e de café; o papel; o correio; a carta; a gazeta manuscrita; a sátira e o pasquim. Obra recomendável, não apenas para os estudantes de história, mas igualmente para os de biblioteconomia.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

CASTRO (Therezinha de). — *História documental do Brasil*. Prefácio de Delgado de Carvalho. Rio de Janeiro. Distribuidora Record. 1968. 416 págs.

A publicação de textos e documentos que possam servir aos estudantes de História, é empreendimento do mais alto valor e interesse cultural. Por isso, folgamos com a publicação do presente volume, que reúne documentos fundamentais da história brasileira desde a bula *Inter coetera* até textos importantes relativos à situação atual do país. Era sentida a falta de um trabalho dessa natureza, especialmente depois da publicação, nos Estados Unidos, do excelente livro do Pro-

fessor Burns sôbre a história documental brasileira. E' claro que na elaboração de um volume de textos haverá sempre muito de pessoal, especialmente no que respeita ao critério da seleção. Mas qualquer que seja a restrição que se tenha a fazer ao critério que presidiu à elaboração do presente volume, não se deixará de reconhecer seu valor e, especialmente, sua utilidade para os estudantes e professores de história do Brasil, que, nas Faculdades de Filosofia lutam não raro com grandes dificuldades para obtenção de material para os seus trabalhos de seminário. Obra que vem preencher, portanto, uma lacuna na bibliografia histórica do Brasil.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

OLMSTEAD (Clifton E.). — *Religion in America. Past and Present*. 1961. Prentice Hall Inc. Englewood Cliffs, N. J.

Religião na América revela o panorama da vida religiosa americana desde os primórdios da época colonial até a atualidade.

Partindo da colonização o autor demonstra que devido a migração de diferentes seitas religiosas criaram-se colônias com mentalidades, costumes e religiões diferentes. Analisa as diversificações religiosas que dominaram a América, destacando como características principal e constante da religião americana, a metamorfose.

Sem entrar em pormenores desnecessários, o autor é bem explícito quando fala das diversas seitas religiosas (quakers, anglicanos, puritanos, etc.), sua evolução, conflitos, esmorecimento e o seu nôvo despertar.

Trata, por exemplo, do problema urbano influido e modificando a mentalidade religiosa: de como "a ardente devoção pelas coisas do espírito é abandonada para cair numa indiferença letárgica".

Mostra ainda como, dentro dêsse mesmo problema, o comércio faz com que focalizem a atenção nos interesses materiais, deixando de parte as preocupações espirituais.

Mais adiante trata da importância do despertar religioso que vai fazer desaparecer o sectarismo e o regionalismo, fazendo nascer uma interdependência entre as colônias e um grande senso de comunidade, baseado no ideal de uma humanidade comum

Então, o autor descreve a influência do existencialismo teológico e a crise da 1a. Guerra Mundial.

No decorrer da exposição afirma e procura provar o papel da religião como instituição básica do complexo cultural americano e, portanto, responsável em grande parte pelas linhas mestras de desenvolvimento no processo cultural da América.

Em suma, a obra mostra como, num período de 350 anos, a herança religiosa da Velha Europa foi adaptada, moldada e assimilada no continente americano e como, apesar da heterogeneidade e das ideologias conflitantes e de sua marca europeia se tornou uma religião americana.

BEATRIZ H. G. DE CARVALHO

* *
*

SERRÃO (Joaquim Veríssimo). — *Do Brasil filipino ao Brasil de 1640*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1968. 264 páginas (Coleção “Brasiliana”, Volume 336).

Sobre esta obra do eminente historiador português, relativa a um período pouco estudado da história brasileira — o chamado *domínio espanhol* — assim se expressa, apresentando o livro, o diretor da coleção “Brasiliana”, Américo Jacobina Lacombe: “(...) acima de tudo, e nisto consiste sua contribuição original, focaliza a feição própria do período filipino no Brasil, que, diversamente do que se passou na Europa, significou um reforçamento das raízes portuguesas, uma valorização do território, a criação de novas formas de vida política, social, religiosa e econômica. A imagem brasileira dos reis espanhóis, que temos apreciado através do juízo dos portugueses, terá que se retificada. Eles defenderam tenazmente uma tese que constitui o nosso traço característico no continente: a unidade. Não se trata de uma apologia descabida e contrária ao sadio espírito luso-brasileiro. Longe disso, Trata-se da verificação de um fato histórico. Ao lado disso, a ação colonizadora no Brasil, essencialmente portuguesa, e realizada por portugueses, intensificou-se. A concepção do Brasil alterou-se: de uma simples miragem, passou a integrar-se no complexo atlântico, que dêle fazia um espaço por excelência na política dos oceanos (...). A Restauração consegue o apêlo do nôvo mundo, salva o império português e conserva a integridade do domínio americano precisamente porque durante o “cativeiro” se reforçara o apêgo dos portugueses do Brasil à pátria distante e à consciência de um destino comum. Eis uma tese extremamente importante para uma concepção luso-brasileira de nossa história”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

PETRONE (Maria Thereza Schörer). — *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1968- 246 páginas (Coleção “Corpo e Alma do Brasil”, volume 21).

São animadoras as pesquisas cujos resultados levam-nos a veredas ainda não desbravadas ou quando implicam em revisão de conhecimentos arraigados por longa tradição, mas que, no mais das vêzes, esperam ainda pelo tratamento definitivo que a utilização de fontes mais seguras pode lhes dar. Está no primeiro caso o recente trabalho em que a Professôra Maria Thereza Schörer Petrone estuda a lavoura canavieira em São Paulo. Contribuição excelente não só para a história do açúcar, mas para a própria história de São Paulo, tão pouco estudada, diria até tão desprezada pelos nossos pesquisadores. Todos os Estados estudam suas histórias. Grande número dêles as inclui no próprio currículo escolar como matéria independente e obrigatória. Nada neste sentido se faz em São Paulo e boa parte dos nossos estudiosos prefere tratar de assuntos relativos a outras áreas. Não que elas não mereçam nossa atenção. Mas seria tão útil se isto acontecesse sem prejuízo do estudo de nosso passado.

E' antes como uma valiosa contribuição à história de São Paulo que prefiro apreciar o livro de minha prezada colega da Universidade de São Paulo. E justamente sôbre um dos períodos mais importantes da história paulista, qual aquê representado pelos fins do século XVIII e início do XIX, o "São Paulo restaurado", como tem sido chamado, o São Paulo que, qual nova Fenix, ressurgiu de suas próprias cinzas, após o período de quase vinte anos em que a tal ponto o levára sua decadência, que a própria Capitania fôra extinta e simplesmente anexada ao Rio de Janeiro.

Pela restauração respondeu o renascimento agrícola ao qual está ligado, de início, o Morgado de Mateus, primeiro governador de São Paulo nesta nova fase. E êste renascimento agrícola se faz com base na cultura da cana-de-açúcar, responsável pelo povoamento e utilização econômica do meio-oeste de São Paulo, precisamente a área que tem como centro principal a cidade de Campinas. Em pesquisas que realizei há muitos anos, e cujas primícias foram publicadas em outro local, divulguei dados preciosos sôbre os primeiros recenseamentos de nossa cidade, e em todos êles, naquele período tão importante que precedeu a instituição do município e antecedeu até a criação da freguezia (espécie de pré-história campineira...) o açúcar aparece como atividade dominante. Mas nada havia sido escrito até então, que pudesse oferecer-nos um panorama do que representou para esta região êsse "ciclo do açúcar paulista", que até a metade do século passado vai constituir a maior parcela do valor econômico de São Paulo.

Realizando exaustivas pesquisas no Arquivo do Estado, utilizando valiosa documentação oficial até então praticamente inaproveitada, a começar pela memória de Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, governador de São Paulo nos últimos anos do século XVIII, manuseando fontes seguras e na quase totalidade originais, a autora, sem se perder ou deixar-se sepultar pela documentação compulsada, antes tirando dela os elementos necessários para a exata compreensão do problema que se propôs a tratar, soube ressaltar com tóda a evidência a importância do "quadrilátero do açúcar" na economia paulista, preenchendo, assim, sensível lacuna de nossa história.

Como lembrou Sérgio Buarque de Holanda na apresentação do volume, "sem ter atingido a importância que assumiu no Nordeste ou no Rio de Janeiro, a economia açucareira foi a responsável, na área paulista, pelo início de um autêntico processo revolucionário, estabelecendo-se ali, pela primeira vez em escala considerável, uma lavoura de cunho comercial sustentada no trabalho escravo. Com isso, não só se firmará a estrutura agrária, que passa depois a sustentar por longo tempo a produção cafeeira, mas se formarão e consolidarão os cabedais necessários à exploração da nova e mais pujante fonte de riqueza. Não há pois exagero em dizer que a dinâmica de tóda a economia paulista, a partir do século XIX e indiretamente a da economia brasileira, se torna mais inteligível com o conhecimento prévio desse fator, que a alentou de modo decisivo".

Não se prendeu a autora a uma história quantitativa, que está hoje tão em moda, a qual acaba por vêzes desumanizando a história. Não. O homem aparece no trabalho da Professôra Petrone e o seu significado dentro da estrutura açucareira é ressaltado ao longo de três ou quatro capítulos relativos aos senhores de engenho, aos escravos e a vida social que essa estrutura condicionou. E' pena que as estatísticas que utilizou, tomadas com a reserva que se impõe, não permitiram à autora uma linha de continuidade, seja com relação ao volume de produção

ou de exportação do açúcar. Mas as que encontrou atestam a importância dessa cultura, ponderável e predominante na economia paulista até meados do século passado. Assim, pode-se afirmar, sem temer exageros, “que na época que nos interessa todos os bairros ou povoados do “quadrilátero” tiveram praticamente sua origem ou desenvolvimento ligados à cana. Povoados e vilas foram criados e estimulados com os lucros proporcionados pelo açúcar. Basta lembrar, como exemplo, o caso de Campinas, além de outros aglomerados mencionados no capítulo referente às áreas. Com o correr do tempo, obrigados a se expandirem para o oeste, os canaviais prepararam a infra-estrutura econômica que permitiu depois a rápida penetração dos cafezais. O engenho e o canal impregnaram a paisagem, transformando-a completamente” (pág. 225). Precioso me pareceu o quinto tópico do capítulo oitavo, em que estuda as estradas do açúcar, as tropas e os ranchos. Colhendo informações preciosas, à vista de valiosa documentação, apresenta-nos excelente panorama dos transportes e comunicações ligadas à atividade açucareira, outro assunto sobre o qual escasseiam os dados (págs. 186 a 222). Os viajantes estrangeiros que no século passado percorreram São Paulo (Mawe, Saint-Hilaire, Kidder, entre outros) constituem documentos preciosos para o conhecimento da vida paulista da primeira metade do século passado. Pena que, não tendo São Paulo naquela época a mesma importância de outras províncias, muitos outros viajantes ilustres que perambularam o Brasil não se dignaram visitar a nossa província, preferindo viajar pelo nordeste e norte ou simplesmente pelo litoral do país. Mas Saint-Hilaire, vindo de Goiás e seguindo para o sul (fazendo, pois, o contrário de quase todos os outros viajantes), deixou precioso informe sobre o passado paulista, que foram largamente utilizados pela autora do presente ensaio. “Fonte inestimável para a reconstituição da vida paulista”, diz a Professora Petrone do grande botânico francês que tão bem soube compreender e sentir nosso país.

Conseguiu a Professora Maria Thereza Schöerer Petrone com este volume em boa hora editado pela Difusão Européia do Livro, aquilo que, a meu ver, constitui a aspiração máxima de um autor: publicar um livro que não pode ser ignorado. Com efeito, ela será doravante de consulta obrigatória para quem se interessar pela história de São Paulo, pois veio elucidar, segundo suas próprias palavras, “um período da história paulista pouco conhecido e que liga a fase do bandeirismo ao ciclo do café”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

AMARAL (Brenno Ferraz do). — *José Bonifácio*. São Paulo. Editora Martins. 1968. 200 páginas.

Trata-se de obra póstuma, pois seu autor faleceu em 30 de julho de 1961, num momento em que se interessava vivamente pela vida e pela obra do grande Andrada, chegando a publicar na imprensa boa parte do material reunido para a formação do presente volume. Pela coordenação do livro, responde Pedro Ferraz do Amaral, irmão do autor. A obra dá ênfase especial ao período da formação de José Bonifácio, em geral descuidado pelos seus biografos. Em apêndice, anexou-se artigo em que o autor reivindica para José Bonifácio a autoria

da bandeira brasileira (a do Império), tese também sustentada por Raimundo Teixeira Mendes em artigo publicado na imprensa do Rio de Janeiro em 1889, e que também é transcrito neste volume. Breno Ferraz do Amaral agitou com bastante antecedência a lembrança das comemorações do bi-centenário andradino, em 1963. Não sobreviveu para poder assistí-las. Mas seu livro ficou como uma homenagem e como uma contribuição àquela efeméride, que a Livraria Martins acolheu como todo o carinho, embora, certamente por motivos ponderáveis, a publicação não pudesse ser feita na devida ocasião.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

RAMIREZ (Ezekiel Stanley). — *As relações entre a Áustria e o Brasil*. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo. Editora Nacional. 1968. 262 páginas (Coleção "Brasiliana", nº 337).

Obra que se recomenda como modelo de pesquisa e interpretação histórica. O autor focaliza, com documentos de boa fonte, o desenvolvimento das relações diplomáticas, culturais, comerciais, etc. entre o Brasil e o Império dos Habsburgos no período que vai de 1815 à proclamação da República. Como é natural, dedica numerosas páginas ao interesse evidenciado por Metternich na formação da monarquia basileia, e ao casamento de D. Pedro I com D. Leopoldina d'Áustria. Outro aspecto do tema, raramente focalizado, é o da emigração austríaca para o Brasil. As informações contidas sobre este assunto abrem perspectivas para novos estudos sobre o problema.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

LUZ (Nícia Vilela). — *A Amazônia para os negros americanos: as origens de uma controvérsia internacional*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro. Editora Saga. 1968. 190 páginas.

Vem de longe a cobiça internacional em torno da Amazônia. As viagens de La Condamine e de Humboldt chamaram a atenção do mundo para aquela extensa região, praticamente inaproveitada durante boa parte do período colonial, apesar das grandiosas perspectivas que se lhe anteviam, especialmente após a era pombalina. O mundo dito civilizado não se conformava em ver tão grande região dependendo de países de poucos recursos e toda uma campanha foi empreendida para a abertura do grande vale ao comércio internacional. De simples interesse comercial passa-se facilmente a pretensões mais ousadas e defender-se contra essas pretensões tem sido — lembra a Professora Nícia Vilela Luz — "uma constante na história da Amazônia". Para acrescentar: "A escassez de recursos, tanto materiais quanto humanos, dos países a que pertence tem impedido e dificultado o seu desenvolvimento e a região tem se apresentado assim como um vazio a atrair a cobiça de nações mais fartas em meios de explorá-la. Reivindicam estas, em nome do bem estar da humanidade, o direito de abrir ao mundo a região ainda deserta e colocar ao seu dispor a riqueza que encerra.

Sob o disfarce da internacionalização e de objetivos científicos escondem seus desígnios egoístas de grandes potências”.

Com sua grande capacidade de pesquisa e interpretação históricas, de que já nos deu sobeja prova com o excelente estudo sobre a industrialização do Brasil (que se tornou obra indispensável para o estudo de nossa história econômica), Nícia Vilela Luz apresenta-nos em seu novo livro, um capítulo inteiramente novo na história das pretensões sobre a Amazônia: os esforços do Tenente norte-americano Matthew Foutain Maury, em meados do século passado, no sentido de forçar o governo imperial a abrir às nações estrangeiras a navegação do Amazonas, mas, no fundo, com outra intenção mais cobiçosa: colonizar o grande vale com negros americanos, livrando, assim, os Estados Unidos de sua população escrava e evitando as condições sócio-econômicas que terminaram por levar seu país à sangrenta guerra civil. “Cérebro excepcionalmente dotado — lembra a autora — Maury já estabelece em meados do século XIX as bases de uma doutrina que reivindica para os Estados Unidos toda a região do Caribe e com ela a bacia amazônica”. O sonho megalomaniaco do tenente americano asbarra, contudo, diante da atitude ponderada e discreta do governo imperial: “Defrontam-se duas atitudes diversas, antagônicas mesmo. Uma visionária, chegando quase às raias da loucura e que aliava, a mesquinhas ambições de enriquecimento, a visão poética de um universo onde a natureza se apresenta em perpétuo movimento, em incessante atividade. Outra, pragmática, realista, moldando-se às condições externas, mas procurando, com essa flexibilidade, perpetuar-se no que possui de fundamental, de imprescindível à sua condição nacional”.

Para a abordagem do problema, a autora não se limitou às fontes do Itamarati, que nos apresentariam uma visão unilateral. Utilizou fontes norte-americanas e pretendia igualmente utilizar as dos outros países hispano-americanos ribeirinhos do Amazonas. Não o fazendo, entretanto — e certamente por motivos ponderáveis — nem por isso sente-se falha em seu livro, pois com efeito, o mais importante da documentação de interesse para o caso encontra-se em arquivos americanos, e nestes a pesquisadora sentiu-se bem à vontade.

Precavidamente, adverte o leitor que o assunto “por se tratar de ambições estrangeiras sobre uma parte do território nacional, pode dar margens a polêmicas e a explorações demagógicas. Não é esse o nosso intuito. No campo internacional a competição e a luta têm sido um fenômeno freqüente, normal, e cumpre encará-los com realismo. As ambições internacionais apresentam-se comumente disfarçadas por princípios idealistas. Seja o mecanismo dos Estados Unidos, seja o paternalismo francês, seja o filantropismo inglês, todos procuram, naturalmente, os próprios interesses mascarando seus apetites com propósitos civilizadores e libertadores”. E todas as três nações — lembremcs — cobiçaram a região amazônica. Nem seria necessária tal advertência quanto à isenção de ânimo da autora. O leitor, logo às primeiras páginas, constata a seriedade com que a pesquisa foi levada a efeito e o critério com que o trabalho, depois, foi elaborado. Nem a autora — longe disso — cria condições para uma discussão emocional do problema, o que talvez agradasse mais a determinados grupos, mas daria ao seu trabalho um cunho panfletário que fugiria completamente ao seu espírito de historiadora. O que não quer dizer que não haja em seu livro aquela firmeza de opiniões, necessária para o trato do assunto e que a autora, aliás, sabe pôr em todos os seus escritos e em todas as suas atitudes. Esse seu traço de autenticidade

que lhe tem custado lutas e até dissabores é o melhor aval de sua individualidade. A êste respeito, Nícia Vilela Luz — que conheço há tantos anos — faz-me lembrar aquele velho imigrante sírio de uma cidadezinha do interior mineiro, citado por Emil Farhat na abertura de seu tão discutido livro, e que tinha por hábito aconselhar a todos: “Se tiver alguma verdade para dizer, diga-a!” E quando esta verdade apoia-se em embasamento documental como o que Nícia Vilela Luz encontrou para o seu trabalho, então, podemos dizer que temos o quadro ideal para a elaboração de um trabalho de pesquisa histórica que, tal como o outro, está destinado a *ficar* na bibliografia histórica brasileira.

Um esboço do objetivo da autora está no próprio prefácio do livro: “dirigir o interesse principal para o estudo das diretrizes da política externa do Brasil num determinado momento da conjuntura internacional, procurando fixar as características nacionais da atitude brasileira e o papel desempenhado pelo nosso país na comunidade latino-americana. Uma visão rápida dessa conjuntura internacional era, pois, imprescindível e a ela reservamos o primeiro capítulo, indicando as tendências do pensamento europeu acêrca do Amazonas e das regiões tropicais. A posição dos Estados Unidos exigia maior atenção e dentro dos Estados Unidos convinha destacar a figura de Maury. Formaram-se, assim, o segundo e terceiro capítulos. No quarto analisamos, enfim, as diretrizes brasileiras e num quinto as lides diplomáticas do Brasil e dos Estados Unidos no cenário hispano-americano. No capítulo final essa contenda diplomática desloca-se para a côrte imperial, enquanto nós Estados Unidos se arrefecem os ânimos e se modifica o clima que tinha favorecido o esquema de Maury”.

Seria de grande interesse se a Professora Nícia Vilela Luz pudesse prosseguir nas suas pesquisas, analisando outros casos de pretensão sôbre a Amazônia, dando, assim, maior base documental ao que tantos outros têm já escrito. Com efeito, os livros de Fernando Sabóia de Medeiros e Artur César Ferreira Reis (êste, incansável defensor da Amazônia), embora valiosos, ressentem-se da unilateralidade das fontes, pois nenhum dos autores realizou pesquisas em arquivos estrangeiros.

A questão do Amazonas está na ordem do dia, lembra a autora logo na primeira frase de seu livro. E’ uma das razões pelas quais as questões na “ordem do dia” são freqüentemente mal interpretadas, distorcidas, deformadas, reside precisamente na falta de conhecimento dos seus antecedentes históricos, ou, às vêzes, da simples indagação fundamentada das razões por que elas ficaram na ordem do dia. E com isto muito se enriqueceria a bibliografia histórica brasileira, sobretudo numa época em que os nossos estudantes tanto reclamam assuntos “atuais”...

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

SILVÁ (Hélio). — *A Constituinte*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1969. 586 páginas.

O extenso painel elaborado por Hélio Silva sôbre o “ciclo de Vargas”, tem prosseguimento com êste sétimo volume, dedicado à restauração constitucional após a revolução de 1930. Os volumes anteriores intitulam-se: 1922: *Sangue na areia de Copacabana*; 1926: *à grande marcha*; 1930: *à revolução traída*; 1931:

os tenentes no poder; 1932: a guerra paulista; e 1933: A crise do tenentismo. Obra indispensável, pelo seu valor documental, para o conhecimento de longo período da vida republicana, cujos efeitos até hoje se fazem sentir. A grande documentação utilizada pelo autor, inclusive o arquivo particular de Getúlio Vargas, que lhe foi confiado por sua filha D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, e por outro lado, a grande participação do próprio autor em numerosos momentos desse conturbado período da vida brasileira, dão ao livro um cunho de autenticidade que o tornará, pelo seu valor informativo, de consulta obrigatória para quem quizer estudar, no futuro, o "ciclo de Vargas".

ODILON NOGUEIRA DE MATOS